

# INDÚSTRIA

## A dinâmica da indústria de transformação em 1993: alguns avanços, muitas incertezas\*

Ricardo Brinco\*\*

### Algumas questões atuais da indústria brasileira

Um traço muito marcante do comportamento da indústria brasileira ao longo de 1993 foi seu reencontro com taxas positivas de crescimento da produção, conjugadas a índices baixos de absorção de mão-de-obra. Ora, o ano de 1992 havia sido marcado por uma onda violenta de demissões. A contração generalizada das folhas de pessoal — dentro de uma rígida estratégia de diminuição dos custos — materializou, nessas circunstâncias, uma das facetas socialmente mais perversas da acomodação de sobrevivência imposta às empresas pela prolongada recessão. As novas contratações, contudo, ocorreram a um ritmo muito aquém daquele que caracterizou o aumento dos níveis de produção.

Como possível causa da evolução desfavorável dos níveis de emprego industrial em período recente, chegou a ser muito cogitada a hipótese da substituição de atividades de contratação de mão-de-obra pelo acréscimo de horas extras trabalhadas. Todavia a mesma não parece ter maior sustentação, pelo menos em sua forma mais generalizada, conforme evidenciam os levantamentos do IBGE.<sup>1</sup>

Mesmo na inexistência de dados, é possível especular, também, acerca da influência exercida pelas crescentes atividades de terceirização no âmbito da indústria brasileira. Efetivamente, a realização externa à firma de determinadas etapas do processo de fabricação desenvolve-se, muitas vezes, em unidades de pequeno porte, onde o registro formal dos funcionários não configura certamente uma regra muito rígida.

Todavia um poder explicativo maior parece estar associado ao processo de modernização por que vem passando o parque industrial e que se mostra decididamente pouco propício à criação de postos de trabalho. O entendimento do fenômeno pressupõe, na essência, o aspecto de sua não-transitoriedade, o que tem óbvias implicações para a situação futura do emprego. Com efeito, o desdobramento mais

---

\* Este texto contou com a colaboração do estagiário André Passos Cordeiro; tendo sido elaborado com as informações disponíveis até o dia 15.12.93. O autor agradece a leitura crítica feita pelos colegas Daisy S.D. Zeni, Flávio B. Fligenspan e Sílvia H. Campos a uma versão preliminar do texto.

\*\* Economista da FEE.

<sup>1</sup> "A pesquisa do IBGE desfaz (...) a idéia de que o aumento da produção estaria acontecendo graças a um crescimento generalizado das horas extras trabalhadas. No período de janeiro a julho, para um crescimento de 10,23% na produção industrial e de 18,20% na produtividade, a jornada média de trabalho caiu 4,35%, enquanto o pessoal ocupado caiu 2,5%" (FSP, 11.12.93).

imediatamente leva ao descarte do papel tradicional da manufatura, assumido em outras etapas do desenvolvimento do País, como *locus* favorecido de ocupação da força de trabalho.

Os esforços de reestruturação em curso têm em vista a elevação dos índices de qualidade e de produtividade da indústria brasileira, na busca da melhoria de suas condições de concorrência dentro de padrões internacionais. Estão aí envolvidos, sobretudo, novos processos de gerenciamento, induzindo a alterações administrativas e operacionais, todos em fina sintonia com o enxugamento da força de trabalho. A incorporação do *just-in-time* e da "qualidade total" são exemplos das medidas praticadas, que introduzem mudanças em um contexto de baixos investimentos em capital físico. É claro que esta última condição só não colocou maiores obstáculos até o presente porquanto existiam razoáveis índices de ociosidade na indústria nacional, cujo aproveitamento viabilizou a retomada do crescimento.

A pequena disposição manifestada pelos empresários no sentido de investirem em capital físico e tecnologia<sup>2</sup> guarda relação com um elenco variado de determinantes. Dentre estes, despontam a carência de recursos próprios para investimento, a renitente inflação e os altos custos dos financiamentos, as indefinições governamentais quanto aos rumos da política econômica e, de um modo amplo, as incertezas a respeito do futuro da economia e da própria demanda, esta última deprimida por conta da compressão salarial.

Uma manifestação inequívoca do processo de modernização em curso, embora ainda pouco difundida, está associada ao número de estabelecimentos com acesso ao chamado certificado ISO série 9000, um padrão de controle de qualidade de processos e produtos: 150 empresas beneficiadas até setembro de 1993, contra apenas 30 até o mesmo mês do ano anterior (GM, 15.9.93).

Outra sinalização dos avanços realizados se expressa a nível dos ganhos de produtividade que voltaram a ocorrer na indústria de transformação, em anos mais recentes. De fato, nesse domínio, registrou-se estagnação durante uma boa parte da década de 80, conforme demonstra a taxa de produtividade/homem de apenas 0,12% ao ano no período 1985-88. Já no período 1989-92, a taxa voltou a subir, ficando em 2,45% ao ano (Sinop.Industr., 1993, p.8), tendo pesquisas recentes do IBGE detectado um avanço bastante significativo da produtividade em 1993 (FSP, 11.12.93).

Tais resultados se mostram particularmente expressivos, ao se considerar que foram obtidos em condições de baixas aplicações em capital físico, decorrendo, essencialmente, de melhorias no domínio da gestão empresarial e de redução do contingente ocupado. Nesse contexto, é de imaginar-se que os aumentos de produtividade deverão mostrar-se ainda mais significativos em um contexto de retomada do crescimento econômico e dos investimentos. Dado o caráter intrinsecamente poupador de mão-de-obra associado às novas tecnologias, é de se esperar o fortalecimento da tendência já referida de esvaziamento relativo do setor manufatureiro como agente empregador. Essa questão deve estar no cerne das discussões a respeito de um

---

<sup>2</sup> "O resultado, em síntese, que a CNI apurou neste estudo é que as indústrias fizeram mais rapidamente uma adaptação de sua linha de produção no sentido de buscar diminuir a ineficiência de áreas e retirar gargalos do que traçar uma política de prazo mais longo, que deveria incluir investimentos em tecnologia e pesquisa e desenvolvimento (...)" (GM, 3.12.93).

modelo econômico que, **afinal**, busque solucionar os inadiáveis problemas estruturais enfrentados pela sociedade brasileira, materializando-se no capítulo das políticas industrial e de emprego.

As melhorias de produtividade e qualidade incorporadas pelo setor manufatureiro nacional — inseridas que estão na tentativa de aumentar o seu poder de fogo face aos concorrentes internacionais — mantém, igualmente, uma forte relação com a abertura comercial a que vem sendo submetida a economia brasileira desde 1990. Tal processo recebeu mais um reforço a partir do rebaixamento das alíquotas de importação em julho de 1993, quando a tarifa média passou de 17% para 14,2%.

Como constatação de ordem ampla, cabe registrar a forte progressão das importações nesse ambiente de liberalização. Ainda que, de imediato, não tenha sido excessiva a pressão exercida sobre a balança comercial — ou seja, não comprometeu seriamente os superávits comerciais que o País já se acostumou a obter<sup>3</sup> —, existem, de fato, ameaças objetivas por esse lado. A verdade é que, por enquanto, as exportações continuam contribuindo para a sustentação dos saldos em um patamar elevado. As vendas externas, próximas aos US\$ 40 bilhões, previstas para 1993 dão testemunho do bom desempenho alcançado nesse domínio, com destaque para os produtos manufaturados, que mantiveram elevado ritmo de expansão e tiveram sua composição bastante diversificada.

O exame da pauta de importações revela o dinamismo das compras externas de bens de consumo duráveis, que se expandiram 70% entre janeiro e julho de 1993 relativamente ao mesmo período do ano precedente. Em segundo lugar, colocaram-se as de produtos intermediários e de matérias-primas (variação de 40%). Já as compras externas de bens de capital cresceram a um ritmo bem inferior. Isso estaria indicando que a

"(...) exposição planejada da indústria brasileira à competição internacional, que objetivava a incorporação de novas tecnologias, induzir a elevação da produtividade e alterar os preços relativos parece não ter exercido efeitos significativos sobre o setor de bens de capital" (B. Conj., 1993, p.51).

O braço nacional desse setor produtivo ganhou, assim, um importante *sursis*, na medida em que suas condições de enfrentar a concorrência internacional estão, de modo geral, muito debilitadas, havendo necessidade de um alto nível de investimentos para garantir sua modernização.

É particularmente preocupante o ritmo de expansão das importações de produtos intermediários. De fato, estas têm servido para desativar linhas de produção próprias à manufatura nacional, com sua substituição por atividades essencialmente de montagem, a partir da incorporação de componentes e produtos acabados procedentes do

<sup>3</sup> O superávit comercial esperado para 1993, da ordem de US\$ 13,1 bilhões, deverá ficar 15% abaixo daquele conseguido em 1992. Isto se deve ao forte crescimento das importações, que devem aumentar 23,5%, com destaque para as compras externas de veículos, suas partes e peças (GM, 15.12.93).

Exterior.<sup>4</sup> O parque industrial instalado na Zona Franca de Manaus configura, nesse aspecto, um dos elos especialmente frágeis da cadeia produtiva brasileira. Está aí envolvido, em especial, todo o segmento de bens eletrônicos de consumo, hoje maciçamente localizado em Manaus. Da mesma forma, a situação afeta o segmento de informática, cuja produção nacional — fortemente desestruturada após o fim da reserva de mercado — corre o duplo risco da consolidação do estado de mero representante distribuidor de produtos estrangeiros e de migração em massa para a Zona Franca. Espera-se, pelo menos, que seja confirmada a recente tendência esboçada de reativação do interesse pela produção nacional, a qual surge como resposta à regulamentação das normas do processo produtivo básico.

## O ano de 1993 no desempenho da indústria de transformação

O exame do primeiro semestre de 1993 revela uma das recuperações de crescimento mais duráveis da indústria brasileira nos últimos anos. A curva ascendente teve início, na realidade, em outubro de 1992 e, exceto pela solução de continuidade verificada no mês de abril de 1993, prolongou-se até maio. A bem da verdade, deve ser dito que se tratou acima de tudo da reversão de uma tendência à recessão há longo tempo instalada.

Na origem desse comportamento favorável da manufatura ao longo do primeiro semestre, podem ser identificados fatores diversos, como o aumento da massa salarial (incluindo aí os rendimentos dos aposentados), a recomposição dos baixíssimos estoques de fim de ano por parte do comércio, os juros reais mantidos em patamar relativamente inferior, os bons resultados da comercialização da safra agrícola passada e a evolução favorável das exportações de manufaturados.

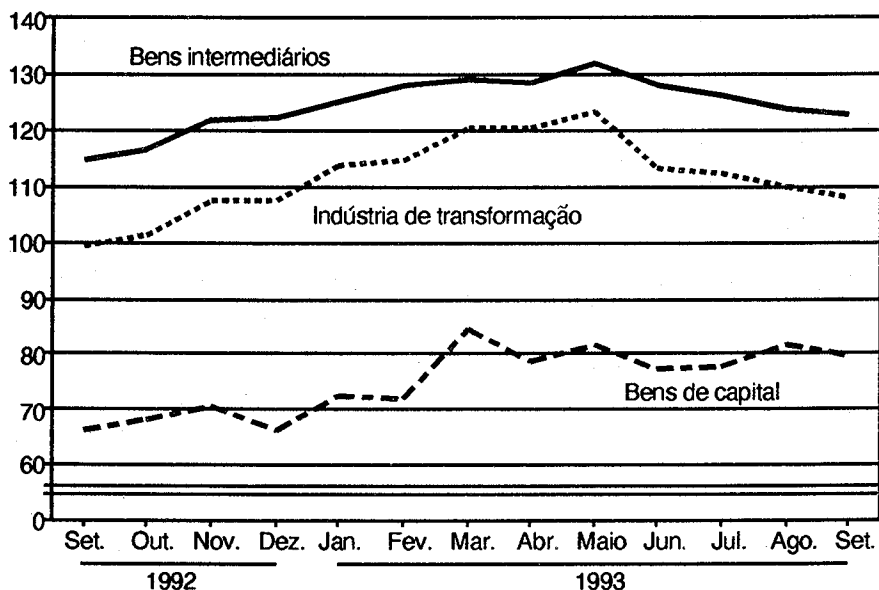
Os resultados exibidos pela indústria no mês de junho já revelavam os sinais de desaceleração que iriam caracterizar boa parte do segundo semestre. O movimento descendente revelado pelos índices da produção física da indústria de transformação, com ajuste sazonal, fica perfeitamente visível no Gráfico 1, onde o pico de maio corresponde a 123,22, e o do mês de setembro, a apenas 107,83, ou seja, um decréscimo de 12,49%. É verdade que, circunstancialmente, podem surgir novas "bolhas de crescimento", como a que deve ocorrer no último trimestre em função do aquecimento tradicional das vendas de fim de ano e da necessidade de recomposição dos estoques, sabidamente em níveis muito baixos, por parte do comércio. Com isso, outubro e novembro podem voltar a exibir taxas ascendentes, com dezembro já tendendo a refletir a volta a um patamar de relativa estabilidade. Em definitivo, 1993 deverá trazer um saldo positivo para a indústria brasileira, que poderá fechar o ano com uma taxa de expansão acumulada em torno dos 9%.

<sup>4</sup> "É preciso avaliar, contudo, em que casos esta 'dessubstituição de importações' deve prosseguir e quando ela é contrária aos interesses do País. Isto é uma questão central para a política econômica.

"A exemplo das práticas adotadas pelas principais economias, o Brasil deveria analisar a conveniência de reestruturar o seu comércio exterior e de aplicar, quando necessário, medidas de defesa de sua produção, tendo em conta objetivos internos de política industrial e uma realidade mundial de protecionismo disfarçado por uma ampla variedade de barreiras não tarifárias." (B. Conj., 1993, p.53).

## GRÁFICO 1

**ÍNDICES DESSAZONALIZADOS DA PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA  
DE TRANSFORMAÇÃO E DAS CATEGORIAS DE BENS  
DE CAPITAL E BENS INTERMEDIÁRIOS  
NO BRASIL — 1992/93**



FONTE: IBGE/DPE/Departamento de Indústria.

NOTA: Os índices têm como base a média de 1981 = 100.

A marcada interrupção da trajetória de recuperação da indústria verificada até setembro resultou da ação combinada de alguns elementos, podendo ser referidos: o agravamento do quadro inflacionário, com conseqüências negativas para os salários reais; a subida dos juros reais; as perspectivas e incertezas associadas às reformas tributária e fiscal previstas e, de forma mais ampla, as especulações sobre os rumos da política econômica; e, *last but not least*, o quadro de indefinições colocado pela revisão constitucional, ela própria postergada pela CPI do orçamento, e o decorrente contexto de instabilidade política instaurado, dentre outros.

A esse quadro, sobrepõe-se o caráter recessivo das novas medidas propostas no programa econômico do Governo. Assim sendo, as perspectivas de desempenho de médio prazo que se colocam para a manufatura brasileira não são muito animadoras, no bojo de um contexto desfavorável que deve adentrar 1994.

## O desempenho da indústria por categoria de uso

Passando-se à análise dos resultados por categoria de uso, verifica-se que todas acompanharam, algumas mais outras menos, o recente movimento de descenso que marcou o total da indústria de transformação. Bens de capital foi a categoria que apresentou a menor queda — para o que contribuiu o seu comportamento positivo no mês de agosto —, obtendo uma taxa de -2,70% na comparação entre o índice dessazonalizado de setembro e o de maio. Todavia, tomando-se como referência o mês de março — pico dessa categoria no ano —, o decréscimo em setembro chega a 5,98% (Gráfico 1).

Já em se considerando o acumulado de janeiro a setembro, relativamente ao mesmo período do ano anterior, a categoria apresenta uma expansão de 14,09%, superior, portanto, à média da indústria (Tabela 1). Para essa *performance*, foi decisiva a contribuição do subsetor máquinas e implementos para a agricultura, como resposta aos desdobramentos favoráveis da comercialização da safra 1992/93. O incremento das exportações colaborou igualmente para a sustentação desse setor produtivo em 1993. Ainda assim, os níveis de produção mantêm-se em patamares muito deprimidos, determinando elevada ociosidade na indústria fabricante de máquinas e equipamentos.

Tabela 1

Taxas de crescimento da produção industrial, do total da indústria de transformação e das categorias de uso, acumuladas no período, no Brasil — jan.-set./93

DISCRIMINAÇÃO	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAIO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET
Indústria de transformação ...	7,92	4,80	8,73	9,59	10,99	10,89	10,98	11,11	10,81
Categorias de uso									
Bens de capital .....	9,84	1,83	8,99	9,52	9,08	9,00	10,94	13,12	14,09
Bens intermediários .....	3,77	2,63	4,87	5,41	6,67	7,01	7,26	7,42	7,12
Bens de consumo .....	11,02	6,15	11,24	12,48	14,12	13,45	13,04	12,84	12,38
Bens de consumo duráveis ...	28,48	17,89	35,30	42,78	45,64	44,08	43,20	44,00	41,98
Bens de consumo não duráveis	7,33	3,37	5,72	5,61	6,87	6,27	5,93	5,45	5,18

FONTE: IBGE/DEP/Departamento de Indústria.

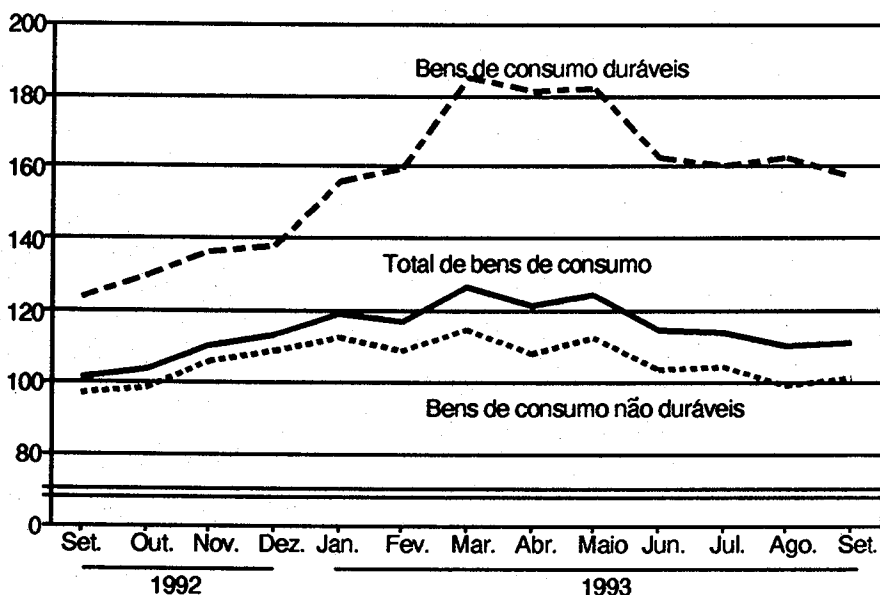
NOTA: As taxas refletem a variação do período do ano de 1993 em relação ao mesmo período de 1992.

No caso dos bens intermediários, o decréscimo entre os índices (com ajuste sazonal) de maio, mês de pico, e setembro alcançou 6,89%. Já no acumulado de janeiro a setembro, em comparação com idêntico período de 1992, o ganho de crescimento foi de 7,12%, ficando abaixo da média da indústria de transformação. Isso dá o tom de um setor que se caracterizou por relativamente poucas oscilações ao longo do ano, e cujo desempenho continua sendo pressionado para baixo pelos maus resultados do subsetor ligado à construção civil.

Os bens não duráveis, dado seu peso relativo na estrutura industrial, vêm igualmente comprometendo de forma significativa a *performance* do total de bens de consumo. De maio a setembro, com base em índices dessazonalizados, a redução nesta última categoria foi de 10,44%, e, estabelecendo-se o cotejo com o mês de pico (março), a queda chegou a 11,30% (Gráfico 2).

## GRÁFICO 2

### ÍNDICES DESSAZONALIZADOS DA PRODUÇÃO DA CATEGORIA BENS DE CONSUMO E DAS SUAS SUBDIVISÕES NO BRASIL — 1992/93



FONTE: IBGE/DPE/ Departamento de Indústria.

NOTA: Os índices têm como base a média de 1981 = 100.

Nos mesmos períodos de comparação, as variações observadas a nível dos bens não duráveis (10,28% e 11,58% respectivamente) ficaram efetivamente muito próximas daquelas do total de bens de consumo. Todavia é o resultado acumulado entre janeiro e setembro que dá a dimensão exata do baixo dinamismo que vem animando o setor. De fato, a expansão então registrada foi de apenas 5,18% comparativamente a igual período do ano anterior, a pior dentre todas as categorias, refletindo bem as dificuldades de mercado encontradas para a colocação dos chamados bens-salário.

Enfim, foi o setor bens de consumo duráveis que contabilizou a maior queda no segundo semestre, com a variação chegando a -13,50% entre maio e setembro (índices com ajuste sazonal) e, considerando-se o pico da categoria, a -14,81% entre março e setembro. Ainda assim, no acumulado do período, a categoria registrou um elevado crescimento: 41,98% entre janeiro e setembro relativamente aos mesmos meses do ano precedente. Para tanto, foi particularmente decisivo o impulso dado pelas indústrias automobilística e eletroeletrônica.

## A performance a nível dos gêneros

O exame no âmbito dos gêneros possibilita uma melhor visão de como se deu a segmentação do crescimento nos três primeiros trimestres de 1993. Considerando-se os resultados da Tabela 2, que apresenta os índices acumulados no período de janeiro a setembro relativamente ao mesmo período do ano anterior, verifica-se que seis gêneros se posicionaram acima da média da indústria de transformação: material elétrico e de comunicações (29,54%), material de transporte (26,73%), mecânica (16,31%), produtos de matérias plásticas (12,57%), farmacêutica (12,01%) e metalúrgica (11,88%). Ficaram abaixo da média, mas sempre com desempenho positivo, os demais gêneros, cabendo os piores resultados a fumo (1,33%), produtos alimentares (2,49%), bebidas (3,84%), química (5,05%) e minerais não-metálicos (5,93%).

Dentre os de maior dinamismo, o destaque principal ficou com material elétrico e de comunicações, que — não obstante a significativa expansão das importações nesse domínio — conseguiu alcançar resultados muito favoráveis tanto no mercado interno como no externo. De acordo com previsões da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (ABINEE), o crescimento em 1993 deve ser generalizado em todos segmentos, exceto no de telecomunicações. Nessas condições, as vendas de componentes eletroeletrônicos deverão aumentar 27%; as de eletrodomésticos, 16%; as de equipamentos industriais, 21%; as de aparelhos de imagem e som<sup>5</sup>, 54%; e as de informática, 10% (GM, 11/13.12.93).

A segunda melhor taxa de crescimento no acumulado de janeiro a setembro pertence ao gênero material de transporte (29,54%), que teve no setor automobilístico o principal fator de dinamismo. Graças ao seu peso na estrutura industrial, o fortalecimento da atividade das montadoras serviu para alavancar a demanda de outros

<sup>5</sup> A produção de televisores a cores em 1993, na faixa das 3,2 milhões de unidades, constitui um novo recorde para a indústria nacional, ficando 50% acima da média mantida nos últimos cinco anos (DCI. 10.11.93).



segmentos produtivos, como foi o caso de produtos siderúrgicos, sendo também diretamente beneficiados os fabricantes de autopeças. O chamado Primeiro Acordo Setorial Automotivo, em vigor desde março de 1992, teve sua parcela de contribuição nessa recuperação do setor automobilístico. Uma preocupação das montadoras, na atualidade, é precisamente em relação à manutenção das medidas legais que devem recolocar, até outubro de 1994, a alíquota do ICMS na faixa dos 18%, em lugar dos atuais 12%.

Enquanto isso não ocorre, a indústria automobilística continua fabricando veículos e batendo recordes, como aquele obtido em novembro, mês em que foram montadas 133.489 unidades, o segundo melhor resultado mensal de toda sua história e só inferior a agosto de 1993 (134.368 veículos). Com tal retrospecto, o ano de 1993 deve bater novo recorde de produção, ficando este na faixa das 1,4 milhão de unidades. As vendas no mercado interno, por sua vez, cresceram 43,76% nos 11 primeiros meses relativamente a igual período de 1992, com as exportações diminuindo 4,04% e chegando a 316 mil unidades (Carta ANFAVEA, 1993).

Tabela 2

Taxas de crescimento da produção industrial, dos gêneros, acumuladas no período, no Brasil — jan.-set./93

DISCRIMINAÇÃO	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAIO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET
Minerais não-metálicos .....	7,70	3,94	6,25	6,76	7,16	7,28	7,36	6,69	5,93
Metalúrgica .....	5,52	4,98	9,10	10,85	12,12	12,21	12,23	12,08	11,88
Mecânica .....	2,92	1,82	7,91	9,30	12,14	13,37	14,77	16,19	16,31
Material elétrico e de comunicações .....	18,10	10,76	20,60	26,78	29,60	29,09	29,83	30,03	29,54
Material de transporte .....	18,55	9,64	26,75	28,95	27,41	25,68	25,26	27,04	26,73
Papel e papelão .....	6,98	5,72	7,48	7,57	7,76	8,10	7,76	7,79	6,91
Borracha .....	23,49	13,70	9,76	10,36	10,80	9,81	10,37	9,67	8,79
Química .....	0,69	-0,20	0,96	0,99	4,67	4,89	4,86	5,22	5,05
Farmacêutica .....	13,10	9,39	12,16	12,33	13,00	15,71	14,45	13,96	12,01
Perfumaria, sabões e velas .....	15,07	6,38	9,66	8,29	8,88	7,48	7,33	6,64	5,74
Produtos de matérias plásticas .....	13,53	11,58	16,35	18,06	18,00	16,29	15,30	14,24	12,57
Têxtil .....	14,96	9,20	10,12	8,53	8,22	8,05	7,86	7,61	7,17
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos .....	25,45	15,50	18,54	16,42	14,99	12,98	11,50	10,85	9,95
Produtos alimentares .....	6,71	2,64	2,87	2,19	3,76	3,09	2,82	2,32	2,49
Bebidas .....	-7,55	-4,30	-1,87	-0,72	-1,02	0,04	1,93	2,89	3,84
Fumo .....	-15,26	-13,04	-11,14	-9,48	-6,88	-3,93	0,44	1,17	1,33

FONTE: IBGE/DPE/Departamento de Indústria.

NOTA: As taxas refletem a variação do período do ano de 1993 em relação ao mesmo período de 1992.

## O comportamento da indústria gaúcha

O ano de 1993 marcou um padrão de crescimento regionalmente bastante concentrado, com destaque para os parques industriais de São Paulo e também do Rio Grande do Sul. Isso pode ser melhor compreendido a partir da constatação, já feita aqui, de que as maiores fontes de dinamismo para a sustentação da retomada de crescimento estiveram muito ligadas à categoria bens duráveis e igualmente, em

segmentos específicos, à bens de capital. Como, no contexto da indústria gaúcha, máquinas e equipamentos agrícolas, caminhões, ônibus e autopeças estão muito bem representados, isso explica uma grande parte da taxa de 15,69% obtida no acumulado de janeiro a setembro relativamente a igual período do ano anterior (Tabela 3).

Tabela 3

Taxas de crescimento da produção industrial, do total da indústria de transformação e dos gêneros, acumuladas no período, do Rio Grande do Sul — jan.-set./93

DISCRIMINAÇÃO	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAIO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET
Indústria de transformação ....	17,83	8,61	12,23	12,99	13,40	15,35	16,74	16,68	15,69
Minerais não-metálicos .....	-2,57	-3,08	0,52	5,66	6,72	6,54	4,26	3,07	2,32
Metalúrgica .....	8,17	4,49	11,91	16,18	18,80	20,39	20,73	19,84	18,55
Mecânica .....	25,07	13,27	16,64	16,27	20,32	29,45	32,80	35,99	37,16
Material elétrico e de comunicações .....	53,53	60,96	52,60	54,38	61,15	57,04	52,26	50,55	46,81
Material de transporte .....	150,43	60,97	83,25	77,89	61,16	59,17	55,36	48,99	45,12
Papel e papelão .....	37,04	22,03	17,94	15,49	9,91	9,33	9,38	8,21	7,40
Borracha .....	27,80	6,16	7,21	3,27	-1,18	-3,71	-1,29	-1,88	-3,39
Química .....	15,10	-5,51	-0,81	0,42	4,69	5,44	5,30	4,78	0,92
Perfumaria, sabões e velas .....	24,75	13,88	17,97	15,44	17,00	13,47	9,87	10,27	10,48
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos .....	17,38	8,70	16,06	14,85	14,61	13,77	12,33	12,95	12,08
Produtos alimentares .....	8,22	4,79	11,04	12,24	12,53	11,90	10,18	9,08	8,44
Bebidas .....	5,52	18,65	22,36	20,43	7,92	14,06	20,96	17,46	17,65
Fumo .....	5,42	-11,72	-13,90	-9,83	-7,02	-2,29	6,97	10,05	9,92

FONTE: IBGE/DPE/Departamento de Indústria.

NOTA: As taxas refletem a variação do período do ano de 1993 em relação ao mesmo período de 1992.

No âmbito dos gêneros, verifica-se que os mais dinâmicos — aqueles com taxas de crescimento acumuladas superiores à média do total da indústria de transformação — pertencem todos ao complexo metal-mecânico: material elétrico e de comunicações (46,81%); material de transporte (45,12%); mecânica (37,16%); e metalúrgica (18,55%). Esse seleto elenco é completado ainda pelo gênero bebidas (17,65%).

Já o segundo grupo, integrado pelos gêneros de desempenho menos positivo, apresenta situações extremamente desfavoráveis, como nos de borracha (-3,39%), química (0,92%) e minerais não-metálicos (2,32%).

Tal como verificado a nível do País, também aqui a manufatura reduziu o ritmo de suas atividades em período recente. A única diferença é que o ponto de inflexão da retomada de crescimento no Rio Grande do Sul se manifestou em agosto, quando já havia aparecido em junho, em âmbito nacional.

A taxa superior de crescimento da indústria gaúcha relativamente à brasileira (15,69% e 10,81% respectivamente) surge como uma decorrência da maior articulação da primeira com a produção agropecuária. Nesse aspecto, a boa safra 1992/93 e os recursos do FINAME rural operaram, efetivamente, como elementos de alavancagem da economia do Estado.

O bom comportamento das vendas externas deve ser igualmente lembrado, a ponto de o Rio Grande do Sul constituir hoje o segundo exportador brasileiro. Os

resultados do ano contribuíram, de fato, para aumentar sua participação relativa no total das exportações brasileiras: 13,84% no acumulado de janeiro a outubro de 1993, contra 10,28% em igual período de 1992.

Para tanto, colaborou intensamente o setor gaúcho de calçados, partes e componentes, que exportou em torno de 80% do total de US\$ 1,496 bilhão colocado pelo Brasil nos mercados externos apenas nos nove primeiros meses de 1993 — 56% a mais do que o obtido no mesmo período de 1992 (GM, 11.11.93).

## **Bibliografia**

- BOLETIM DE CONJUNTURA (1983). Rio de Janeiro: UFRJ/IEI, v.13, n.3, out.
- CARTA DA ANFAVEA (1993). São Paulo, n.89/91, out., dez.
- DIÁRIO DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA (10.11.93). Produção ultrapassa as 3,2 milhões de unidades em 93. São Paulo, p.7.
- FOLHA DE SÃO PAULO (11.12.93). Indústria corta vagas e produz mais. São Paulo, p.2-7.
- GAZETA MERCANTIL (11.11.93). Embarques até setembro superaram volume total de exportações em 92. São Paulo, p.7.
- GAZETA MERCANTIL (11/13.12.93). Recorde de importações não impede aumento real na receita do setor em 1993. São Paulo, p.8.
- GAZETA MERCANTIL (15.12.93). Importações de veículos devem reduzir superávit para US\$ 13 bilhões neste ano. São Paulo, p.3.
- GAZETA MERCANTIL (15.9.93). Produtividade da indústria nacional já avança em ritmo de primeiro mundo. São Paulo, p.10.
- GAZETA MERCANTIL (3.12.93). O governo recebe hoje nova proposta de política para o setor industrial. São Paulo, p.8.
- SINOPSE INDUSTRIAL (1993). Rio de Janeiro: BNDES, n.1, ago.